

LITERATURA DE CORDEL NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE LEITURA LITERÁRIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

José Clovis dos Santos¹
Sávio Roberto Fonseca de Freitas²

RESUMO

Defendemos neste artigo uma proposta de ensino de leitura para os anos finais da Educação Básica através do gênero textual cordel no intuito de melhorar o processo de ensino e aprendizagem da leitura literária em turmas de 8º e 9º anos. Esta escolha se deu devido à grande dificuldade dos nossos discentes sobre o ensino deste tipo de leitura no que diz respeito às práticas de oralidade e escrita. Assim, mediante estas dificuldades tão presentes na sala de aula, levantamos a seguinte problemática: Como o gênero textual cordel poderá influenciar e viabilizar o ensino da leitura literária nas aulas de literatura? Nesta perspectiva, este questionamento nos encaminhou ao objetivo geral da presente proposta: Contribuir com o processo da formação leitora nos anos finais da Educação Básica em turmas de 8º e 9º anos, através da literatura de cordel com foco na leitura literária. Para embasar o nosso questionamento, alicerçamos a nossa pesquisa, à luz dos estudos de Bakhtin (2011), sobre Gêneros discursivos; dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs 98/99, 2001, 2007 e 2010); da Base Nacional Comum Curricular (BNCC-2018); de Pinheiro (2004), sobre Pesquisa em literatura; de Marinho e Pinheiro (2012), sobre O cordel no cotidiano escolar; de Cosson (2009), sobre Letramento literário; de Ayala (2012), sobre Cultura popular no Brasil, de Bragatto (1995), sobre o texto literário, de Santos (2016), sobre a leitura literária na escola; de Lajolo (1993), sobre literatura no espaço escolar, dentre outros importantes teóricos/pesquisadores de renome sobre o tema, citados ao longo do corpus deste artigo. Quanto a sua metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter intervencionista, porque sugere uma intervenção na sala de aula, possibilitando aos nossos alunos-leitores vivenciarem novas experiências com a literatura de cordel e suas possibilidades de ensino da leitura literária, mediadas pelo (a) professor (a) da turma.

Palavras chaves: Ensino. Cordel. Leitura literária.

ABSTRACT

In this article, we defend a proposal for teaching reading for the final years of Basic Education through the textual genre cordel in order to improve the teaching and learning process of literary reading in 8th and 9th grade classes. This choice was due to the great difficulty of our students in teaching this type of reading with regard to speaking and writing practices. Thus, through these difficulties that are so present in the classroom, we raise the following problem: How can the textual genre cordel influence and facilitate the teaching of literary reading in literature classes? In this perspective, this questioning led us to the general objective of this proposal: Contribute to the process of reader

¹ Mestrando em Letras do PROFLETRAS-UFPB.

² Professor de Literaturas de Língua Portuguesa da UFPB.

formation in the final years of Basic Education in 8th and 9th grade classes, through cordel literature with a focus on literary reading. To support our questioning, we base our research, in the light of Bakhtin's (2011) studies on Discursive Genres; the National Curriculum Parameters (PCNs 98/99, 2001, 2007 and 2010); the National Common Curriculum Base (BNCC-2018); de Pinheiro (2004), on Literature Research; by Marinho and Pinheiro (2012), on Cordel in everyday school life; by Cosson (2009), on literary literacy; by Ayala (2012), on popular culture in Brazil, by Bragatto (1995), on the literary text, by Santos (2016), on literary reading at school; de Lajolo (1993), on literature in the school space, among other important theorists/renowned researchers on the subject, cited throughout the corpus of this article. As for its methodology, it is a qualitative research of an interventionist character, because it suggests an intervention in the classroom, allowing our student-readers to experience new experiences with cordel literature and its possibilities for teaching literary reading, mediated by (a) teacher of the class.

Keywords: Teaching. twine. Literary reading.

1.Considerações Iniciais

Este artigo tem como objetivo apresentar a literatura de cordel como sendo uma ferramenta pedagógica indispensável à formação de leitores críticos em turmas de 8º e 9º anos, com foco na leitura literária.

Com ele, trazemos também ao palco de nossas discussões pedagógicas a sala de aula como o espaço propício à realização do letramento literário, como nos sugerem Marinho, Pinheiro (2012) em sua obra “O cordel no cotidiano escolar”.

De acordo com Cosson (2009, p.67), entende-se por letramento literário, “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Nesta perspectiva, trabalhar com este tipo de texto em sala de aula, significa ampliar as experiências pessoais e subjetivas dos discentes, proporcionando-lhes novas possibilidades de ver, ler e entender o mundo.

Assim, formar alunos leitores, é sem dúvida, um ato de aprendizado social que envolve indiscutivelmente formas de pensar a realidade, uma vez que ler não se limita ao simples ato de escrever, mas que vai muito mais além, ultrapassa o mundo da palavra escrita.

E deste mundo participam os valores que aprendemos a associar às coisas como também às situações em que se realiza a leitura. Ampliam-se com ele, as possibilidades das relações afetivas e efetivas entre autor/livro/leitor, extrapolando-se os limites da semântica e das subjetividades individuais.

Por isso, cabe ao professor, na condição de orientador, e mediador desse tipo de leitura, em sala de aula, extrapolar as barreiras do “preconceito linguístico”, das abordagens meramente gramaticais dadas ao texto literário, e possibilitar aos alunos, momentos de apropriação do texto literário, criando um ambiente de trocas de experiências com a cultura popular via literatura de cordel.

Nesta perspectiva, o trabalho com o texto literário na escola ainda carece de mais espaço. Por isso, a literatura popular precisa ocupar um espaço central no currículo escolar. No entanto, o que presenciamos, na verdade, em muitas situações, é o texto literário em toda sua complexidade e riqueza expressiva ser ainda visto e trabalhado como mero pretexto para estudos gramaticais, ou mesmo tipologias textuais ou ainda estudos de compreensão de algumas habilidades de leitura.

Para fugir dessa postura redutora de sentidos e superar estas dificuldades mecanicistas impostas à leitura do texto literário no ambiente escolar, se faz preciso que o professor seja não apenas habilidoso, mas também, tenha suporte teórico, neste campo de trabalho, e saiba aliar teoria e prática no processo de formação de novos leitores.

Portanto, diante tantas mudanças porque passa educação pública, as quais exigem que o professor procure ampliar seus conhecimentos com base em métodos científicos, frente às dificuldades encontradas na sala de aula e ao desestímulo dos alunos nas aulas de Literatura, principalmente sobre práticas de leitura literária, apresentamos a seguinte problemática: Como a Literatura de cordel poderá influenciar e/ou viabilizar o ensino da leitura literária nas aulas de língua portuguesa/literatura em turmas de 8º e 9º anos?

A partir deste questionamento, elaboramos os objetivos de nossa pesquisa a partir de uma pesquisa sistemática, regulada em uma análise qualitativa dos principais conceitos relacionadas ao objeto de estudo, tendo como **Objetivo Geral**: Contribuir com o processo da formação leitora nos anos finais da Educação Básica em turmas de 8º e 9º anos, através da literatura de cordel, com foco na leitura literária. E como **Objetivos Específicos**:

- Apresentar aos alunos dos anos finais da Educação Básica (8º e 9º anos) o gênero cordel, e suas possibilidades de ensino da leitura literária;
- Identificar na concepção de leitura destes alunos, as principais contribuições da literatura de cordel para o aprimoramento de sua competência leitora; e
- Ampliar a compreensão leitora desses alunos, através da leitura de cordéis nas aulas de literatura.

Para embasar o nosso questionamento, alicerçamos a nossa pesquisa, à luz dos estudos de Bakhtin (2011), sobre Gêneros discursivos; dos Parâmetros Curriculares

Nacionais (PCNs -1998/99,2001,2007e 2010); da Base Nacional Comum Curricular (BNCC-2018); de Pinheiro (2003),sobre Pesquisa em literatura; de Marinho e Pinheiro (2012),sobre O cordel no cotidiano escolar; de Cosson (2009), sobre Letramento literário; de Ayala (2012), sobre Cultura popular no Brasil, de Bragatto (1995),sobre o texto literário, de Santos (2016), sobre a leitura literária na escola; de Lajolo (1993), sobre literatura no espaço escolar, dentre outros importantes teóricos/pesquisadores de renome sobre o tema, citados ao longo do *corpus* deste trabalho.

Nesta perspectiva, a relevância de nossa proposta justifica não apenas pelo simples fato de ela refletir sobre o tema proposto, mas sobretudo por buscar entender a real importância do letramento literário nos anos finais da Educação Básica

No que se refere à natureza da vertente metodológica, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter intervencionista, porque que ela sugere uma intervenção na sala de aula através da leitura de cordéis com o objetivo de nos proporcionar um novo olhar sobre o tratamento dado à leitura do texto literário nas aulas de literatura, e possibilitar ao aluno-leitor vivenciar novas experiências de letramento literário através da poesia popular de cordel.

Assim sendo, o presente trabalho poderá, com auxílio do letramento literário e, em especial da Literatura de Cordel, dinamizar a construção do processo de formação leitora dos discentes dos anos finais da Educação Básica nas aulas de literatura.

2. Ensino de linguagem / literatura: leis e abordagens teóricas

Ao longo deste tópico, discorreremos acerca de algumas leis e/ou abordagens teóricas sobre o ensino de língua/literatura, as quais nos servirão de suporte teórico científico para embasar nossas discussões teóricas diz respeito ao tema.

Nele, pautamos nossas reflexões e questionamentos acerca da noção de gênero de acordo com Bakhtin (2011); sobre os PCNs (1998) que constitui a base de alicerce para a construção da teoria dos gêneros discursivos desenvolvida por Bakhtin e sobre a BNCC (2018), documento oficial do Ministério da Educação e Cultura (MEC), que define o conjunto progressivo de aprendizagens a serem desenvolvidas pelo aluno durante o ciclo ao longo de sua escolarização entre outros estudiosos do tema.

Sobre a função social da literatura, Lajolo (1993, p.106) assim se posiciona:

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais, uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias[...].

Entretanto, o que mais presenciamos, na verdade, em muitas situações do cotidiano de sala de aula, é o texto literário em toda sua complexidade e riqueza expressiva sendo ainda visto e trabalhado como mero pretexto para estudos gramaticais ou mesmo de tipologias textuais ou ainda como estudo de compreensão de algumas habilidades de leitura

2.1. A noção de gêneros segundo Bakhtin

De acordo com Bakhtin (2011, p. 279),

Os gêneros textuais estão vinculados às diferentes atividades da esfera humana, constituindo-se como mediadores de diversos discursos étnicos, culturais e sociais[...]. Eles organizam o nosso discurso quase da mesma forma que organizam as formas gramaticais (sintáticas).

De acordo com este estudioso, quanto ao seu uso e funcionalidades, estes gêneros se classificam em gêneros primários e gêneros secundários. Os primários, por sua vez, são menos formais. Quanto a sua realização, são situações de diálogos do cotidiano ou de conversas que podem acontecer, por exemplo, na rua, numa praça, numa feira ou mesmo em outros locais públicos. Por outro lado, os secundários, por serem mais formais, são produzidos em meios impressos a exemplo de romances, de reportagens e de ensaios.

No campo da atividade humana, no que se refere à produção e à circulação, estes gêneros sofrem fortes influências de fatores de ordem social, cultural e também ideológica, em face do contexto histórico em que são produzidos.

Faz-se ainda importante destacar, que segundo este mesmo pesquisador (2011, p.268), “estes enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correios de transição entre a história da sociedade e a história da linguagem”.

Isto é, do ponto de visto histórico, as mudanças no estilo de linguagem bem como no suporte de textos, repercutem também nos gêneros do discurso, no que se refere, por exemplo, à passagem de um estilo a outro estilo.

No entanto, partindo deste princípio de que os gêneros estão vinculados à cultura de cada povo, e que precisamos utilizá-los como objeto de ensino, visto serem considerados elementos essenciais aos estudos de compreensão da língua e de suas relações sociais, defendemos, neste trabalho, que:

a) o gênero textual cordel norteie o processo de ensino e aprendizagem nas aulas de língua materna, e

b) que também se torne objeto contínuo e sistemático de estudo nas aulas de literatura nos anos finais da Educação Básica.

Assim, quer na modalidade oral ou quer na escrita, o domínio da língua e o ensino dos gêneros são interdependentes socialmente. Atentemos também, para o fato de que por se tratar de uma grande diversidade de gêneros presentes entre nós, sejam eles orais ou escritos, isso nos leva também a algumas reflexões:

a) com quais gêneros devemos trabalhar em sala de aula?

b) que critérios utilizarmos ao fazermos a escolha destes gêneros?

Segundo os PCNs da Língua Portuguesa (1998, p.24), no trabalho com estes gêneros,

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de forma de pensamentos mais elaborados e abstratos, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para uma melhor participação numa sociedade letrada.

Neste trabalho com a linguagem literária, os textos a serem selecionados são aqueles, que por sua vez, contemplem os usos práticos e artísticos da linguagem. E partindo, então, desta lógica de que a língua se realiza em situação de interação humana, e que para isto, ela precisa de um suporte material concreto, o gênero textual cordel poderá se tornar uma ferramenta imprescindível à concretização deste ato discursivo nas aulas de literatura.

2.2. Os parâmetros curriculares nacionais (PCNs)

O ensino de linguagem, nas últimas décadas, seja na escola ou nas universidades, tem sido e vem sendo alvo de diversas discussões, principalmente no que diz respeito ao ensino de leitura e escrita.

No palco destas discussões, de acordo com Brasil (2001), o ensino destas competências e as grandes dificuldades de aprendizagem dos discentes residem nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental I (dificuldades no domínio da escrita alfabética) e também no 6º ano do Fundamental II (dificuldades relacionadas à não aquisição do uso eficaz da linguagem).

Assim, foi diante desta realidade, segundo Souza (2018), que em finais da década de 1980, numa tentativa de melhorar a educação pública em nosso país, decidiram entre outras medidas, repensar nossas tradicionais práticas alfabetizadoras e sobretudo o ensino de Língua Portuguesa.

Neste cenário, com a elaboração dos PCNs de acordo com Brasil (2007, p.5), incorporam-se ao ensino de língua materna alguns sinais de mudança, como por exemplo, "as metas de qualidade que ajudam o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres".

É assim que como objeto de consulta, reflexão e debate, os PCNs de Língua Portuguesa se apresentam na educação: um importante referencial de acesso ao domínio da língua oral e escrita para os estudantes da Educação Básica.

É nesta perspectiva, que cabe à escola viabilizar aos seus alunos o acesso ao trabalho com a linguagem literária através de uma maior diversidade de textos, vez que, do ponto de vista do ensino da língua materna, a competência linguística do aluno é um pré-requisito indispensável ao exercício de sua cidadania plena.

Acertadamente, esta preocupação acerca do trabalho com a linguagem tem alicerce na teoria dos gêneros discursivos desenvolvida e defendida por Bakhtin (2011, p.261), segundo o qual,

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo uso da linguagem [...], mas acima de tudo por sua construção composicional.

De acordo com os PCNs (2001, p.44) e com base no que nos diz este filósofo da linguagem, a seleção dos conteúdos deve ser feita com base nas seguintes habilidades linguísticas: habilidades de fala, de escuta, de leitura e de escrita. Porém, é importante levar em conta que estas habilidades devem se organizar em torno de dois eixos: "o eixo de uso da língua oral e escrita" e o eixo de "análise e reflexão sobre a língua.

A cerca do trabalho com a oralidade na sala de aula, segundo Brasil (2001, p.49) a língua pode ser tomada como objeto de estudo. Esta proposta de estudo exige de nós professores de Linguagens um planejamento baseado nas "atividades sistemáticas de fala, de escuta e de reflexão sobre a língua.

Como exemplo desta proposta de trabalho com a linguagem, podemos citar aqui, seminários, debates, dramatizações, entre outras. E por que também não adotarmos o texto literário como objeto de estudo nas aulas de literatura no ensino fundamental em turmas de 8º e 9º anos?

A partir desta concepção de leitura e de escrita, o texto literário, e em especial, a literatura de cordel, precisa ser também objeto de ensino e aprendizagem nas aulas de literatura nos anos finais de Educação Básica.

No que se refere ao quesito oralidade, por exemplo, esta prática de análise e reflexão, constitui fator decisivo no processo de melhoramento da escrita nos seus mais variados contextos por parte de nossos discentes, o que de certa forma, segundo BRASIL (2001 p.78) o tratamento dado à oralidade durante as aulas de Língua Portuguesa "implica uma atividade permanente de formulação e verificação de hipóteses sobre o funcionamento da linguagem [...]".

No geral, os PCNs de Língua Portuguesa se apresentam como fonte de consulta e de pesquisa para os estudos de linguagens, apontam caminhos e sugestões sobre o trabalho com os gêneros discursivos na sala de aula e estabelece que, o funcionamento adequado dos conteúdos de Língua Portuguesa deve se articular em função da língua oral e escrita, e da reflexão acerca destes usos.

Assim sendo, o texto passa a ser objeto de conhecimento e reflexão, o que o faz ser do ponto de vista linguístico e social da língua, um instrumento de acesso do indivíduo para sua plena participação numa sociedade globalizada e letrada como a nossa.

É sob esta óptica que revisitaremos, no próximo tópico, o conceito de BNCC, seus objetivos e suas propostas para o ensino da literatura nos anos.

2.3. A BNCC e o ensino de literatura

O que realmente precisamos saber sobre a proposta da BNCC acerca do ensino de literatura? Na verdade, este é o mais novo desafio enfrentado recentemente por nossas escolas de Educação Básica em todo o país: conhecer e aplicar a Base Nacional Comum Curricular, e sobretudo de acordo com ela, entender como articular os conhecimentos de Língua Materna com as demais áreas do conhecimento.

De acordo com Brasil (2010), entendemos a BNCC como sendo um documento de caráter oficial, criado pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), que estabelece o conjunto sequencial e progressivo de aprendizagens a ser desenvolvidas por nossos alunos durante a sua escolaridade, contemplando também todas as fases da Educação Básica. Ou seja, da educação infantil ao Ensino Médio.

Neste sentido, e como documento oficial do MEC, ela se estrutura por áreas do conhecimento, as quais assim se organizam: Linguagens, Matemática, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Ensino Religioso.

Nesta estruturação, cada área do conhecimento humano apresenta suas especificidades curriculares e dentre elas, está a área de Linguagem, que por sua vez se

compõe dos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Artes e Educação Física.

Nela, de acordo com Brasil (2010, seção 28, p.28) o Ensino Fundamental se divide em cinco áreas do conhecimento as quais, segundo o parecer nº 11/07/2010 do CNE/CE, “favorecem à comunicação entre os conhecimentos e os saberes dos diferentes componentes curriculares”.

Enquanto documento oficial, a BNCC (2018, p.138) defende um ensino centrado na preparação do estudante para lidar com a linguagem em suas mais diversas situações de uso. Entretanto, este ensino deverá dá ênfase à oralidade e à leitura literária através dos mais diferentes gêneros textuais:

Que circulam na esfera pública, nos campos jornalístico-midiático e da atuação na vida pública [...] mas também no campo artístico literário: possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e de, forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações.

Assim sendo, é nesta perspectiva, que cabe à escola viabilizar aos seus alunos o acesso ao trabalho com a linguagem artística com foco no texto poético, que por suas múltiplas possibilidades de ensino, precisa ser melhor explorado no espaço escolar, nas aulas de literatura.

Sobre este Ensino de Literatura, no âmbito do Campo artístico literário, a BNCC (2018, p.138), assim se manifesta:

Trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita.

Neste sentido, a importância do Ensino de Literatura para a formação de leitores é, sem dúvida, um fator imprescindível aos múltiplos letramentos, se considerarmos para isto, a fruição de sentidos múltiplos do texto literário e a capacidade de formar e humanizar que tem a nossa literatura.

Sobre o ensino da leitura do texto literário na sala de aula nos anos finais da Educação Básica, a BNCC no seu campo de atuação artístico-literário, nos orienta a trabalhar com os gêneros literários. E dentre os gêneros priorizados para o ensino da literatura nesta fase de ensino, está o cordel sobre o qual discorreremos neste próximo tópico.

3. A leitura literária no espaço escolar: desafios e perspectivas

Trataremos agora sobre a importância, desafios e perspectivas da leitura literária no espaço escolar. Para isto, recorreremos a Bragatto (1995); Foucambert (1994); Santos (2016); Antonio Cândido (1995); Lajolo (1993), e Zilberman (1997).

A importância da leitura do texto literário na formação de leitores críticos é, sem dúvida, um fator indispensável, tendo em vista a fruição de seus sentidos múltiplos. Segundo Bragatto (1995) neste processo, é fundamental que a relação estabelecida entre aluno/ leitor/livro não seja "vigiada," mas de liberdade, de maneira que haja entre eles uma "afetiva e efetiva convivência com o livro".

Neste sentido, Foucambert (1994, p.30) assim também se posiciona:

Ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça do outro, para compreender melhor o que se passa na nossa. Esta atitude, no entanto, implica a possibilidade de distanciar-se do fato, para ter dele uma visão de cima, evidenciado de um aumento do poder sobre o mundo e sobre si por meio desse esforço teórico. Ao mesmo tempo, implica o sentimento de pertencer a uma comunidade de preocupações que, mais que um destinatário, nos faz interlocutor daquilo que o autor produziu.

Entendemos assim, que ler não se limita apenas ao simples ato de escrever, mas vai muito mais além, ultrapassa o mundo da palavra dita e escrita. Deste mundo participam os valores que aprendemos a associar às coisas como também às situações em que se realiza a leitura. Ampliam-se também as possibilidades das relações afetivas e efetivas entre autor/livro/leitor, extrapolando-se os limites das relações semânticas e das subjetividades individuais.

De acordo com Santos (2016, p.34) em sua dissertação de mestrado sobre a literatura popular na sala de aula: uma proposta para o ensino de leitura literária,

Cabe à escola vivenciar em seus projetos de ensino a formação do leitor literário trazendo sempre em seus objetivos o trabalho com a literatura na perspectiva de conscientização dos sujeitos para essa função social que se encontra inserida no contexto geral da literatura e de seu ensino.

Nesta perspectiva, é de fundamental importância que se desenvolva na escola um trabalho com a Literatura Popular porque embora seja a escola um espaço de democratização do conhecimento, ou pelo menos deveria ser, ainda é lá onde as manifestações populares enfrentam resistência e onde também ainda persiste nos currículos escolares a velha dicotomia entre cultura erudita e cultura popular.

É como nos diz o grande crítico literário Antonio Cândido (1995): "se a literatura sempre fala alguma coisa a qualquer pessoa", nos perguntamos: Por que não levarmos então a poesia de cordel à sala de aula?

Concordamos que cabe ao professor, na condição de orientador e mediador da leitura literária, extrapolar as barreiras do preconceito linguístico, das abordagens meramente gramaticais ou da historização da literatura dados ao texto literário nas aulas de literatura, e possibilitar aos discentes momentos de apropriação do texto, criando um ambiente de trocas de experiências com a cultura popular através literatura de cordel.

Sob este ponto de vista, e levando em conta esta capacidade que tem a literatura de dialogar e de nos humanizar, é que nós, enquanto professores de literatura, devemos dar mais importância aos estudos com o texto literário em sala de aula.

Também se faz importante frisar que, ao lado dos gêneros considerados clássicos, e que, portanto, trabalhados na escola, também precisam circular na sala de aula outros gêneros de menores prestígios do ponto de vista da escola, e sobretudo aqueles desvalorizados em função de suas origens popular, como por exemplo, a literatura popular de cordel.

A formação do leitor literário na escola ainda carece de mais espaço na sala de aula. Nela o trabalho com a literatura precisa ocupar um espaço central no currículo escolar, uma vez que segundo Cândido (1995), a literatura tem um grande potencial humanizador devido ao seu caráter formativo. E neste sentido, Lajolo (1993, p.106), nos explica:

[...] por isso, a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer a sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela e tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro, mas porque precisa ler muitos.

Entretanto, a escola ainda parece resistente a estas mudanças. O que presenciamos na verdade, em muitas situações, é o texto literário em toda sua complexidade e riqueza expressiva ser ainda visto como mero pretexto para estudos gramaticais. É ainda, infelizmente, nesta perspectiva e sob esta percepção acerca do ensino de literatura, que muitas de nossas escolas públicas trabalham ainda hoje. Nelas, os espaços de leitura, quando há, ainda são muito tímidos.

No entanto, para superar algumas destas dificuldades e de acordo com Zilberman (1997, p.24),

Ao professor cabe o detonar das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque estas decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado.

Contudo, para fugir desta postura redutora de sentidos e superar na prática esta atitude mecanicista de leitura do texto literário, antes se faz preciso que o professor além de habilidoso, também tenha além de experiência, suporte teórico acerca de seu objeto de ensino, além de saber aliar a teoria a sua prática educativa.

4. Cultura e Literatura popular como componentes que possibilitam a formação do leitor crítico

Para aprender a riqueza da literatura popular ou de qualquer outra manifestação da cultura popular, aprendi que é preciso estudar com os olhos e ouvidos atentos. Tenho constantemente afirmado que a cultura popular é um fazer dentro da vida [...]. Ayala, Marcos; Ayala, Maria Inez Novais, 1995.

Neste capítulo, discorreremos sobre Cultura e Literatura Popular e sobre seus desafios no ambiente escolar. Inicialmente, e dadas as especificidades e atualidade de nosso tema objeto de estudo, aqui recorreremos Yala (1995), a Gullar (1990), Pinheiro (2003) Marinho, Pinheiro (2012); Aguiar e Silva (1994); e Santos (2016).

De acordo Gullar (1980, p.23),

Quando se fala em cultura popular, acentua-se a necessidade de pôr a cultura a serviço do povo, isto é, dos interesses afetivos do país”. De agir sobre a cultura presente procurando transformá-la, entendê-la, aprofundá-la. O que define a cultura popular (...) é a consciência de que a cultura tanto pode ser instrumento de conservação, como de transformação social.

Neste sentido, esta pesquisa pretende levar a cultura popular à sala de aula, através do cordel, para despertar no aluno, o hábito e a importância da leitura como um processo de transformação não apenas pessoal, mas também social e coletiva. Pensando assim, no tópico seguinte faremos algumas considerações a respeito do surgimento da literatura popular.

De acordo com Aguiar e Silva (1994, p.116), entendemos por literatura popular,

Aquela literatura que exprime, de modo espontâneo e natural, na sua profunda genuinidade, o espírito nacional de um povo, tal como aparece modelado na peculiaridade de suas crenças, dos seus valores tradicionais e do seu viver histórico.

De fato, isto é o que fazem os repentistas, os cordelistas, os emboladores de coco, os trovadores nordestinos e contadores de histórias em seus repentes e emboladas durante as suas apresentações.

Cá entre nós, uma das formas de manifestação da literatura popular é a literatura de cordel que por ser popular, trata, portanto, de assuntos que interessam ao povo. Nesta pesquisa, entendemos que esta literatura oral (literatura popular) aqui no Brasil, tendo em

vista suas origens portuguesas, virou, possamos assim dizer, sinônimo de cordel, o qual concentra no Nordeste seu principal foco produtor. A este respeito, Marinho e Pinheiro (2012,18-19) nos dizem que:

A expressão literatura de cordel foi inicialmente empregada pelos estudiosos da nossa cultura para designar os folhetos vendidos nas feiras, sobretudo em pequenas cidades do interior do Nordeste em uma aproximação com o que acontecia em terras portuguesas. Em Portugal, eram chamados de cordéis os livros impressos em papel barato, vendidos em feiras, praças e mercados[...]. Os folhetos de cordéis portugueses, diferentemente dos folhetos brasileiros, eram escritos e lidos por pessoas que pertenciam às camadas médias da população; advogados, professores, militares, padres, médicos, funcionários públicos, entre outros. Em muitos casos, os cordéis eram comprados por pessoa letrada e lidos para um público não letrado, situação que se reproduz no Brasil, onde os folhetos eram consumidos coletivamente.

Porém, assim como as canções populares, o cordel também se modernizou e se atualizou. Segundo Evaristo (2007, p.121) "O fato é que a Literatura de Cordel continua acompanhando as mudanças e inovações ao longo do tempo, incorporando alguns elementos novos e mantendo outros".

Entendemos a partir disso, que através dela, o aluno também poderá valorizar a prática da leitura e da escrita literária na escola, vez que educar para o exercício da leitura é também responsabilidade da escola. E assim sendo, levá-la para sala de aula, não visa formar poetas, e sim leitores

Contudo, para que isso se torne realidade em nossas salas de aula em primeiro lugar, faz-se preciso compreendermos o verdadeiro significado e importância da leitura de cordéis nos espaços escolares, onde os professores passem em conjunto com os alunos a articular teoria e prática. Mas sem preconceito linguístico como nos diz Bagno (2004), é claro.

A importância da leitura do texto literário na formação de leitores é, sem dúvida, um fator indispensável, tendo em vista a fruição de sentidos múltiplos. É exatamente isso que nos diz Bragatto (1995,p.14) acerca do texto literário:

Com ele aprende-se, reflete-se, compara-se, discerne-se, questiona-se, investiga-se, imagina-se, viaja-se, emociona-se, diverte-se, amadurece-se, transforma-se vive-se, desenvolve-se a sensibilidade estética e a expressão linguística, adquire-se a cultura, contrasta-se com as mais diferentes visões de mundo.

Este cuidado com a leitura literária se constitui, portanto, um processo plurissignificativo, lento, árduo e contínuo. Isto porque nos exige, além de habilidade, esforço e paciência.

Diante os mais novos desafios porque passa o ensino de literatura frente às novas mudanças sociais que impulsionaram o surgimento de novos suportes textuais e

metodologias inovadoras de ensino com foco na diversidade textual, apresentamos, neste tópico, acerca do trabalho com a linguagem artística, um gênero da esfera literária, o cordel e suas possibilidades de ensino em turmas de 8º e 9ºanos. Discorreremos a seguir acerca do gênero poético cordel e suas possibilidades de ensino.

5. O cordel na escola: desafios e possibilidades de ensino da leitura literária

A literatura de cordel sugere a interação entre a arte e o professor, a escola, o aluno e a cultura popular de diferentes épocas até a contemporaneidade, possibilitando também o contato da linguagem popular com os acontecimentos reais de uma região. Este contato com elementos mais próximos da realidade do aluno e dos professores pode contribuir para o desenvolvimento da leitura e da escrita, pois o vocabulário usado na literatura de cordel é ou pode ser mais semelhante à linguagem cotidiana do aluno, tornando a compreensão de textos mais fácil. (Negreiros, 2016 p.1).

Assim sendo, é sob esta perspectiva que justificamos e direcionamos nossos estudos acerca deste trabalho com a leitura de cordéis nas aulas de literatura e suas contribuições pedagógicas para a formação de leitores.

Atualmente, mesmo não tendo um bom mercado no Brasil, como na década de 50, o poeta popular ainda continua sendo o representante do povo, o repórter dos acontecimentos da vida, não lhe havendo limites de temas a serem explorados. Neste sentido, entre as expressões de cunho popular, a poesia e em especial o cordel ocupa entre nós um lugar de destaque tanto pela sua dinamicidade quanto pela sua força de expressão. Daí mais um dos motivos pelos quais se deve realmente trabalhar o cordel na escola.

Como forma de trabalho com o cordel na sala de aula, Pinheiro (2012, p.41) nos diz:

A sala de aula nos parece o espaço bastante adequado para a vivência de leituras de folheto, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos de realização oral. Pesquisas intervencionistas realizadas com folhetos de cordel (com aluno do ensino fundamental e médio) e com sextilhas isoladas (com crianças das primeiras séries do ensino fundamental) mostram que há um espaço para vivenciar os folhetos no espaço escolar, e que eles podem contribuir decididamente para a formação de leitores.

Por isto, este tema me tem sido motivo de muita inquietação ao longo de duas décadas de experiências em sala de aula na rede pública municipal de ensino. E, frente às dificuldades de aprendizagem encontradas na sala de aula e ao desestímulo dos alunos nas aulas de literatura, principalmente no que diz respeito à prática da leitura literária, apresentamos esta nova proposta de trabalho com a linguagem: **desenvolver atividades de leitura oral, escuta e/ou escrita a partir de textos da Poesia Popular de cordel.**

E, neste sentido, o trabalho com o cordel, enquanto texto literário, possibilita ao aluno o contato com uma boa diversidade de temas como bem afirma Ariano Suassuna (1962, p.1) "[...] a literatura popular em versos do nordeste brasileiro pode ser classificada nos seguintes ciclos: o heróico, o maravilhoso, o religioso ou moral, o satírico e o histórico."

Este trabalho com cordéis em sala de aula prima pela experiência de leitura oral dos folhetos. Não somente ler ou reler em voz alta, como nos diz Hélder Pinheiro "o folheto é para ser lido e pede voz", mas também brinca com os versos, sem aquela preocupação "acadêmica" com a forma dos poemas.

Com o andamento das atividades de leitura, os alunos mesmos se encarregarão desta descoberta. Perceberão gradativamente, por exemplo, a rima e a métrica. O que está em jogo aqui, não é a estética do poema, mas o quesito oralidade do aluno, a partir de sua vivência com o texto de cordel.

Neste sentido, Pinheiro (2004, p.105) afirma: "Nada de imposição. Para quem pensa em trabalhar a cultura popular na escola, a partir da experiência oral da criança isso nos parece de fundamental importância".

Ainda com relação à experiência com a literatura popular, no que se refere ao relato de experiência, o grande poeta Manoel Bandeira (1990, p.33-34 Apud PINHEIRO, p.105) afirma:

O meu primeiro contato com a poesia sob a forma de versos terá sido provavelmente em contos de fadas, em histórias de carochinhas (...) Aos versos dos contos de carochinhas devo juntar algumas cantigas de roda, algumas das quais sempre me encantaram, como 'Roseira, da -me uma rosa'. O anel que tu me deste" (...). Falo destas porque as utilizei em poema (...) enfim versos de toda a sorte que me ensinava meu pai.

Assim como a poesia popular foi um fator decisivo na carreira literária de um grande escritor, filho da aristocracia, como Bandeira, também poderá ser um elemento determinante no processo de ensino-aprendizagem de cada aluno. Neste depoimento, percebe-se claramente o quanto é importante a experiência com a cultura popular. Mas, como já dito aqui anteriormente, nossa tradição escolar sempre deixou de lado esse manancial.

De acordo com Pinheiro (2004, p.106), uma questão metodológica para quem trabalha ou pretende trabalhar com a poesia popular e, sobretudo em sala de aula, é com relação ao ouvir. É importante "ouvir, é preciso estar de ouvidos bem abertos".

Ouvir. Talvez esteja aí uma questão metodológicas da maior importância para quem deseja trabalhar com a poesia popular. Abrir os ouvidos para os ritmos,

para as falas, para os versos que viajam de boca em boca na experiência do povo. Pode haver aí muita beleza a que não damos atenção.

Para este tipo de trabalho, é preciso também se ter “uma atitude humilde,” nada de preconceito. A este respeito Pinheiro (2004, p.107) afirma: “[...] E ouvi-las pressupõe uma atitude humilde, nada preconceituosa com a cultura do povo. A atitude preconceituosa nos faz deixar de saborear tantas belezas.”

Para este estudioso da literatura de cordel, humildade no trabalho com a poesia popular é de fundamental importância. E neste sentido, são valores como estes que devem ser despertados em nossos alunos. Devemos fazer com que eles entendam que o conhecimento científico se faz com leituras e com diálogo e, para que isto aconteça, cultivar a humildade se faz preciso.

Com isso, percebemos o quanto é importante o trabalho de leitura com cordéis. Nele, a competência leitora do aluno em muito depende do poder fazer e do ser ouvido, no diálogo com o outro que o produziu, pois cabe à escola garantir o uso da linguagem, do novo e dos mais diferentes gêneros textuais no seu espaço.

Sobre isso, de acordo com os PCNs (1999, p.144), “a competência do aluno depende, principalmente, do poder dizer/escrever, de ser alguém que merece ser ouvido /lido. A escola não pode garantir o uso da linguagem fora de seu espaço[...]”. Ela é o espaço apropriado para que o exercício da linguagem seja exercitado, levando em conta as competências e habilidades a serem desenvolvidas em cada área específica do conhecimento. Em outras palavras, um espaço onde opiniões e ponto de vista acerca das diferentes manifestações da linguagem sejam confrontadas e respeitadas.

E, neste sentido, o cordel, na condição de texto literário, tem seu espaço reservado. Segundo os PCNs supracitados, p.1445,

Recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas no eixo temporal e espacial.

Além disso, o trabalho com a poesia popular nas aulas de literatura é também mais uma importante oportunidade para se trabalhar a interdisciplinaridade proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de (1999, p.88), segundo o qual: “O conceito de interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo o conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos [...]”

Nesta perspectiva, as mais diversas áreas do conhecimento são trabalhadas de forma “harmônica,” respeitando-se as especificidades de cada uma delas, articulando-se

“as redes de diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita e seus diálogos sociais, contextuais e linguísticos”, segundo estes mesmos PCNs.

Mediante o exposto, ficam evidentes a urgência e a importância de se desenvolver na escola um trabalho com a literatura popular de cordel a qual antes de qualquer coisa, exige "uma atitude humilde " e a arte de saber ouvir. Trabalhar com esta literatura é estar aberto às novas experiências a cada leitura que se faz de um texto. Para Pinheiro (2004, p. 106) “literatura de cordel [...] é experiência viva que se faz a cada leitura. Portanto, não posso falar dela assumindo um distanciamento neutro. Se assim fosse, jamais teria escrito nada sobre literatura de cordel".

E é sobre esta poesia em sala de aula a que Moisés (2012, p.06) também se refere:

Refiro-me à poesia em sala de aula, que é onde ela precisa estar, mas onde deve, acima de tudo, ser tratada de modo adequado, isto é, como experiência afetiva, cultural, artística, que as pessoas naturalmente amam e à qual deveriam dedicar-se por prazer, não por obrigação.

Entretanto, vale lembrar, que para este tipo de trabalho de aprendizagem com a poesia, os alunos devem estar bem motivados. Mas esse processo de despertar o interesse para o aprender, reveste-se de uma forte relação afetiva. Na educação, segundo Tapia, Fita (1999), essa motivação vem sendo definida como iniciação e manutenção do comportamento, objetivando alcançar uma meta.

Nesta perspectiva, em cada momento, o professor deverá utilizar a metodologia mais eficaz ou mais enriquecedora e, sobretudo, motivadora. Ao iniciar uma atividade de leitura do texto literário ele terá que se mostrar extremamente animado de forma que o faça sentir-se motivado também, uma vez que a motivação se constitui a palavra chave para se ensinar a importância do exercício da leitura literária na vida de cada um de nós. No entanto, para isto, é preciso não apenas conhecermos técnicas para despertar o aluno, mas sobretudo mostrar-se ser também um bom conhecedor e leitor do texto literário.

Assim sendo, propomos aos professores de literatura a desenvolver na sala de aula atividades de leitura oral de cordéis com o intuito de, como nos diz Bentes (2012, p. 7): "promover a experiência da leitura de folhetos de cordel, privilegiando a imersão dos leitores no universo ali construído".

Portanto, para a execução deste trabalho de leitura com cordéis ao qual aqui nos propomos, de acordo com Marinho e Pinheiro (2012), o professor (a) poderá também em sala desenvolver atividades de leitura/escrita que contemplem alguns tópicos tais como:

a) oferecer aos alunos informações básicas sobre a história do cordel e alguns temas nele presentes;

- b) promover discussões e debates em sala de aula a partir dos cordéis lidos;
- c) desenvolver leitura e discussão das ilustrações dos folhetos;
- d) cantar o cordel em sala;
- e) ilustrar as histórias contadas nestes cordéis; e
- f) incentivar os alunos a criarem suas próprias histórias a partir da leitura dos cordéis.

Neste sentido, acrescentamos também a esta proposta:

Aprender o que é apreciar as xilogravuras;

Compreender a riqueza da literatura de cordel; e

Produzir cordéis por escrito, preservando fidelidade às características do gênero.

6.Considerações finais

Ensinar literatura na escola de Educação Básica no Brasil, ainda é um grande desafio para muitos educadores e principalmente, quando se trata de um tema específico, como é o caso da literatura de cordel. No entanto, este tipo de trabalho no espaço da sala de aula significa ampliar as experiências pessoais e subjetivas dos alunos com o texto poético e em especial com a poesia popular.

Cabe então ao professor, na condição de orientador, e mediador desse tipo de trabalho com a leitura de cordéis, possibilitar aos seus alunos, momentos de apropriação do texto literário criando um ambiente de trocas de experiências com a cultura popular como instrumento de pertencimento e de inclusão sócio cultural.

Nesta expectativa, defendemos que a literatura popular em especial, o gênero cordel passe a ser objetos de ensino e de aprendizagem nas aulas de literatura nos anos finais de Educação Básica em turma de 8ºe 9º ano, com foco principalmente na oralidade do aluno.

Assim sendo, a relevância deste artigo se justifica não apenas pelos objetivos a que ele se propõe, mas também por levar a poesia popular à sala aula como possibilidades de construtos de sentidos, como patrimônio artístico-cultural do povo nordestino, e principalmente como um exercício de metodologia “auto-reflexiva” de nossos professores linguagem sobre a sua prática docente acerca do ensino de literatura na Educação Básica, anos finais.

7. Referências

AGUIAR e SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

AYALA, Marcos e AYALA, Maria Novais. **Cultura Popular no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2004.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed.-São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306

BENTES, Ana Cristina. Trabalhando com o cordel na escola. In MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortex, 2012.

BRAGATTO FILHO Paulo. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo: Ática, 1995.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental de Língua Portuguesa**. MEC Secretaria da educação fundamental. Brasília: 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**, 2018.

CÂNDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

EVARISTO, Marcela Cristina. **O cordel em sala de aula**. In CORTEZ, Helena Negamine Brandão. **Ensinar com textos. Gêneros do discurso na escola**. São Paulo: Editora 34, 2007.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GULLAR, Ferreira. **Cultura posta em questão/Vanguarda e subdesenvolvimento**. Rio: José Olympio, 1980.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1983.

MARINHO, Ana Cristina. PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortex, 2012.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia não é difícil**. São Paulo: Birut, 2012.

NEGREIROS, Eliana Costa da Cruz de. Cordel: leitura e escrita. In: **Programa Mídias na Educação**. São Paulo: NEC/USP-CEAD/UFPE, 2016.

PCNs **Parâmetros Curriculares Nacionais** -MEC. Brasília: 1998-1999 /2001/2007/2010.

PINHEIRO, Helder. **Pesquisa com literatura de cordel**. In: PAIVA, Aparecida. (Coord.). Democratizando a Leitura: Pesquisas e Práticas. Belo Horizonte: Ceale, 2004.

SANTOS, Claudia Jacinto de Medeiros. **A literatura popular na sala de aula: uma proposta para o ensino de leitura literária**. Currais Novos: UFRN, 2016.

SOUZA, Maria Genilda de. **O ensino de estratégias de leitura a partir de gêneros multimodais**. Mamanguape: UFPB-PB, 2018.

SUASSUNA, Ariano. **Coletânea de Poesia popular Brasileira**. Revista Deca, Recife, 1962.

TAPIA, FITA. **A motivação em sala de aula**. São Paulo: 2001.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1981. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 1997.